

TRIBUNA DA CIDADE

MIQUÉIAS PAZ

Para compreender melhor Brasília

Para entendermos Brasília, devemos situá-la no Brasil dos anos 50, quando a cidade começa a tomar forma.

O presidente Juscelino Kubitschek, no livro *Por Que Construí Brasília*, recorda: nossos problemas "não poderiam ser resolvidos se a evolução da economia nacional continuasse a ter, como traço predominante, uma forte dependência das atividades primárias". Para Juscelino, o País não deveria conformar-se com o papel de produtor, apenas, de bens agropecuários. Como lembra JK, "em 1950 as atividades agropecuárias ocupavam cerca de 10 milhões de brasileiros".

Desnecessário sublinhar que se tratava de gente muito pobre, JK acrescenta: "Por outro lado, os 21 milhões de habitantes da zona urbana" — concentrada principalmente nas regiões Sudeste e Sul — "eram apenas menos pobres que os habitantes do campo, pois o Brasil de 1950 tinha um parque manufatureiro ao extremo deficiente". Em 1951, a renda per capita somava magros US\$ 137.

Brasília respondeu, portanto, à necessidade de avanço econômico, que não podia deixar de integrar, ao Brasil litorâneo, as vastas áreas do centro do País. Foi contemporânea, dessa maneira, da expansão industrial que se verificaria ao longo dos anos 50; das novas possibilidades energéticas abertas, por exemplo, pela usina de Furnas; das estradas que ligaram a nova capital a Belém e ao Acre.

Nas palavras de Oscar Niemeyer, a cidade "representa, além de tudo isso, o esforço extraordinário de um povo que, seguindo o entusiasmo de seu presidente, em quatro anos apenas a construiu". Brasília, diz Niemeyer, "é o deserto transformado em metrópole, e esta a criar riqueza e progresso onde antes só existia abandono e solidão".

Juscelino pode ser, no entanto, criticado por erros cometidos em seu governo, ainda que não se possa culpá-lo pessoalmente por eles: empresas superfaturaram serviços e, mais grave, a polícia nem sempre agiu com delicadeza no trato com os operários.

A cidade viria a superar o destino de "flor de estufa" a que o Golpe de 64

País.

ameaçou limitá-la. Poesia e participação política parecem indissolúvelmente vinculadas a seu destino. Os prédios que Oscar Niemeyer desenhou, segundo suas palavras, "como que soltos ou apenas suavemente pousados no solo", fazem parte de um cenário, hoje, de reivindicações e luta que respondem às melhores esperanças de Niemeyer, Lúcio Costa e JK.

O quebranto de 64 começa a desfazer-se em 1979, quando a palavra de ordem pedia "anistia ampla, geral e irrestrita". A população voltava às ruas. Em 1984, o movimento por Diretas Já teve em Brasília um de seus palcos privilegiados. As Diretas foram contidas, mas forçaram o Colégio Eleitoral a indicar Tancredo, identificado com as aspirações democráticas.

Os grandes espaços livres, que alguns chegaram a imaginar como obstáculo para a concentração pública, revelaram-se, ao contrário, um convite às manifestações por melhores condições de vida e liberdade. Os protestos contra o Plano Cruzado II, em 1986, são outro exemplo. A conquista da autonomia política do Distrito Federal, com a Carta de 1988, e o impedimento de Collor, em que Brasília jogou papel decisivo, convenceriam, afinal, qualquer cidadão de boa vontade com respeito à independência e à importância dos habitantes da capital, hoje, no Brasil.

Além do peso político, a cidade começa a definir um perfil econômico. Indústrias de ponta, não-poluíntes, correspondem à sua vocação. É preciso, ainda, que as condições de vida já alcançadas no Plano Piloto se estendam às cidades-satélites, que devem ser cada vez mais cidades, ao invés de simples satélites. As áreas verdes, as escolas, os hospitais, relativamente numerosos, no Plano, devem abençoar também os vizinhos.

Brasília, para além das irrecusáveis tarefas administrativas, deve operar como pólo receptor e irradiador para todo o DF e Entorno em diversos níveis, inclusive o cultural. Lúcio Costa, em seu Relatório do Plano Piloto de Brasília, já afirmava essa potencialidade. A cidade, segundo ele, foi pensada "para o trabalho ordenado e eficiente, mas ao mesmo tempo cidade viva e aprazível, própria ao devaneio e à especulação intelectual, capaz de tornar-se, com o tempo, além de centro de governo e administração, num foco de cultura dos mais lúcidos e sensíveis do País".

A eleição recente de um governo de esquerda para o Distrito Federal sinaliza a retomada do que de melhor se pensou para o Brasil há 35 anos.

■ **Miquéias Paz** é deputado distrital pelo PC do B



**Brasília
respondeu à
necessidade de
integrar o
Brasil litorâneo
às vastas áreas
do centro do**